

Cultura escrita e práticas de leitura em publicações de Gertrud Gross Hering

Franciele Machado¹

franmachado16@hotmail.com

Universidade Regional de Blumenau – FURB

RESUMO

As discussões presentes nesse artigo pretendem analisar práticas de escrita e leitura em textos produzidos pela escritora Gertrud Gross Hering. Os documentos selecionados serão analisados de acordo com definições teóricas do historiador Roger Chartier, o qual possui destaque na historiografia atual por seus estudos sobre cultura escrita, história do livro, práticas de leituras e representações. Serão analisados os textos *Após 75 anos* (tradução do original em alemão *Nach 75 Jahren*) e artigos publicados na Revista *Blumenau em Cadernos* na década de 1960. Destaca-se desde já, que os objetivos apontados nesse artigo não são de revisão bibliográfica ou biográfica. De forma diferente, procura-se verificar as práticas apontadas em títulos selecionados de Gertrud Gross Hering.

Palavras Chaves: Práticas; escrita e leitura; Gertrud Gross Hering.

ABSTRACT

The discussions presented in this article attempt to analyze writing and reading practices in texts produced by the writer Gertrud Gross Hering. The selected documents are analyzed according to theoretical definitions by the historian Roger Chartier, who features prominently in current historiography by its prescriptions about written culture, history of the book, reading practices and representations. Will be analyzing the texts *Após 75 anos* (translation of the original in German *Nach 75 Jahren*) and articles published in the magazine *Blumenau em Cadernos* in the 1960s. To highlight since now, the objectives in this paper are not bibliographic review or biographic. Differently, it seek to verify the practices indicated in selected titles by Gertrud Gross Hering.

Key Words: Practice, reading and writing; Gertrud Gross Hering.

¹ Graduada em História (Universidade Regional de Blumenau – FURB). Colaboradora da Fundação Hermann Hering com atividades na digitalização, guarda e pesquisa do acervo documental da Cia. Hering.



INTRODUÇÃO

Gertrud Gross Hering nasceu na Alemanha em 1879 e emigrou para o Brasil com pouco mais de um ano de idade, em 1880. Após essa data, viveu em Blumenau (SC) onde cresceu, constituiu família e destacou-se entre os círculos sociais dessa cidade como escritora, produzindo romances, poesias e peças teatrais.

Atualmente, boa parte de sua produção bibliográfica encontra-se no acervo que compreende documentos da família e Cia. Hering. São manuscritos, textos datilografados e livros impressos, em sua maioria, escritos em língua alemã. Parte desses documentos, porém, foram traduzidos para o português. Os textos dessa escritora, que nasceu na Alemanha e mais tarde adquiriu nacionalidade brasileira, contêm temas diversos. Entre esses: são identificados os “tipos originais” da Blumenau do final do século XIX e meados do século XX, acontecimentos da antiga colônia, cotidiano de imigrantes europeus em terras brasileiras etc.

Alguns desses trabalhos foram publicados em jornais e revistas de Blumenau, como a já mencionada *Blumenau em Cadernos*, bem como nos jornais *Brasil Post* e *Der Urwaldsbote*. A autora faleceu em 1968 na mesma cidade em que viveu praticamente toda sua vida, aos 89 anos. Sua produção intelectual, porém, permanece viva e sujeita a incessantes interpretações. O acervo bibliográfico por ela produzido representa possibilidades de pesquisa que nos permitem análises do passado em que ela viveu e escreveu.

Cultura escrita, práticas memórias e representações

Antes de iniciar as análises nos textos de Gertrud Gross Hering nos parece ser conveniente sinalizar alguns pressupostos teóricos da pesquisa. As definições acerca da cultura escrita e práticas de leitura, aqui apropriadas, são temas frequentes na obra do historiador cultural Roger Chartier. Chartier apropriou-se de conceitos, desenvolveu pesquisas e hoje é autor de diversos livros que tratam do tema em questão, muitos deles, publicados no Brasil. O recorte de tempo e espaço de seus estudos, são, principalmente, sociedades da



Europa do Antigo Regime, ressaltando-se práticas de escrita e leitura também na contemporaneidade a partir de textos em suportes eletrônicos.

A partir das pesquisas de Chartier, é possível empreender análises e discussões sobre leitura, sejam elas realizadas por homens ou por mulheres; em voz alta ou aquela praticada mentalmente; a leitura em grupo ou de forma individualizada; em espaços públicos ou privados. São inúmeros os fatores que podem ser analisados, inclusive o tamanho dos livros e o formato das edições podem interferir na maneira como o leitor se apropria daquilo que foi escrito pelo autor. Além disso, é importante pensar que um texto também pode passar por várias mãos: revisores, editores, tradutores, impressores e etc.

A partir dessas premissas, pode-se então analisar determinadas práticas de leitura e escrita registradas por Gertrud Gross Hering em textos selecionados. Essas análises podem ser iniciadas considerando-se em primeiro lugar o ambiente físico em que esta Gertrud viveu e escreveu: a cidade de Blumenau – SC do final do século XIX e meados do século XX. Este ambiente, assim como outros fatores, exerceu algum tipo de influência sobre sua produção literária. Na publicação *Após 75 anos* (1955), traduzida pela Pastora Marion Freitag (2010), encontram-se indícios desses elementos. Conforme indicação de Gertrud:

Eu quando menina nos 11 ou 12 anos (também depois ainda), levava comigo um lápis e papel de desenho, quando atravessava o pasto de Hermann Hering (Junior) para ir a roça. Quando cansava do desenho, procurava algo para observar. Assim encontrei um dia, na trilha do mato um “bando” de formigas grandes que lutavam. Os dois lados se digladiavam, enquanto os oficiais ficavam deitados, vinham então sanitaristas e os levavam para fora do local de combate. O acontecimento me interessava tanto, que eu anotei.²

O registro acima representa a Blumenau do período previamente anunciado. Uma cidade com poucas décadas de existência. No cenário exposto, os primeiros passos de industrialização da cidade confrontavam-se com o ambiente rural apontado pela autora. Outra prática semelhante foi relatada na mesma publicação: um encontro repentino com um gato do mato. Dessa vez, Gertrud afirma que igualmente anotou o acontecimento e o guardou dentro de um livro, encontrado mais tarde por outra pessoa, seu irmão Max Hering.

² HERING, Gertrud Gross. **Após 75 anos**. Tradução: Marion Freitag. 2010. s.p



Torna-se notável na mesma medida a mudança de residência de sua família, realizada no final do século XIX, a partir de 1892. A antiga moradia, na Rua XV de Novembro, localizada na região central de Blumenau, foi substituída por outra no Vale do Bom Retiro (atualmente Bairro Bom Retiro, também em Blumenau). Essa mudança aconteceu porque a antiga casa abrigava onze pessoas, onde funcionavam tanto atividades da pequena malharia da família ³, como a loja onde os produtos fabricados eram posteriormente vendidos. Era necessário, portanto, um local maior, que possibilitasse a expansão da pequena fábrica em ascensão. Quando Gertrud relata esse episódio, a mesma esclarece: “me alegrei muito, poder sair da casinha apertada, poder de tarde em horas vagas, andar no mato sentar na beira do riacho, e deixar fluir meus versos líricos, dos quais enviei alguns ao jornal” ⁴.

Outros eventos igualmente podem ser utilizados para demonstrar o que a autora sentia naquele momento. Uma viagem, com destino à cidade de Itajaí-SC é lembrada por Gertrud que “apesar do [...] cansaço não parava de admirar o mar. Se tivéssemos trazido algo para tomar e comer talvez teria feito uma poesia, mas a língua estava dura da sede” ⁵. Assim, os passeios e observações da autora; a mudança de residência da família para um local maior de ambiente contendo riacho e vegetação; e ainda, a realização de uma pequena viagem à Itajaí – SC onde a mesma observou o mar pela primeira vez, são alguns dos acontecimentos que podem tê-la inspirado, como também lhe tiraram as possibilidades físicas de criação.

No que se refere àquelas situações que lhe permitiram melhores condições de escrita, é preciso lembrar que, com exceção dela e seu de irmão Paul Hering, todos os integrantes da família realizaram atividades na malharia familiar Gebrüder Hering. Por ser na época uma das crianças mais novas, Gertrud ajudava sua mãe nas tarefas da casa e tinha suas tardes livres. Em contra partida, as atividades dos filhos mais velhos não se davam no mesmo ritmo:

Hannchen está sentada, desde cedo até a noite, na máquina de costura, o que é muito cansativo para ela, Nany fica em pé, de manhã até à noite, na máquina de tricotagem, onde ela é muito esforçada; Lieschen aprendeu o corte e, depois de ter cuidado da roupa, ela costura. ⁶

³ Empresa fundada em 1880 por seu pai Hermann Hering e o irmão mais novo do mesmo, Bruno Hering. A “Gebrueder Hering”, tradução Irmãos Hering atualmente chama-se Cia. Hering e soma mais de 130 anos.

⁴ HERING, Op. Cit. 2010.

⁵ HERING, Op. Cit. 2010.

⁶ Carta Minna Hering, 1883.



O trecho acima, retirado de uma carta escrita pela mãe de Gertrud, Minna Hering, demonstra que as atividades realizadas pelos demais integrantes da família lhes ocupava grande parte do dia. Esta constatação vai de encontro aos estudos realizados por Martin Lyons sobre práticas de leituras de operários da Europa no século XIX. De acordo com suas conclusões, “o ritmo de trabalho diário ditava os hábitos de leitura.”⁷ Portanto, o tempo excessivo utilizado para o trabalho não permitia outras atividades. E nesse sentido, “a redução da jornada de trabalho permitiu maiores oportunidades para a leitura nas classes operárias”⁸. No entanto, mesmo não trabalhando na fábrica, Gertrud chega a afirmar que:

não gostava dos dias da semana, não por causa do trabalho, pois nós acostumamos cedo (novos) a ele, mas por causa do barulho em nossa pequena casa (casa antiga) onde não havia um cantinho silencioso. Maravilhoso era em dia de descanso quando chovia. Nós os dois mais novos podíamos nos esconder em um canto e olhar os livros, ou quando estava muito escuro para olhar os livros e sonhar.⁹

Evidentemente, o fato dessa integrante da família não ter exercido atividades na fabricação deve ser lembrado, porém, não como um fator decisivo. Pois, a partir do momento em que a pequena malharia começa a crescer, outros funcionários foram contratados e os filhos do casal Hermann e Minna Hering, em idade adulta, mudaram suas posições. As filhas do casal Hermann e Minna Hering casaram-se – e com exceção de Johanna Hering, que encerrou seu casamento em pouco tempo – tiveram filhos e ocuparam-se com outras atividades. Nanny, mencionada em carta por Minna, assumiu a diretoria do primeiro teatro de Blumenau, chamado de Sociedade Teatral Frohsinn. Johanna realizou diversas viagens para a Europa e auxiliou o hospital de caridade de Blumenau. O filho mais jovem, Curt, além da diretoria da empresa, assumiu atividades no ramo político de Blumenau, atuando como prefeito municipal.

De todo modo, antes de quaisquer conclusões, é necessário levantar algumas problemáticas, pois, o título *Após 75*, de versão alemã publicado em 1955 passou por uma

⁷ LYONS, Martin. **Novos leitores do século XIX**: Mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo Ocidental*. Vol. II. São Paulo: Ática, 1998, p.188

⁸. *Ibidem*, p. 187.

⁹ HERING, Op. Cit. 2010.



tradução no ano de 2010. A problemática não consiste em dizer que o registro dessas memórias ou a posterior tradução contém erros, mas, convém registrar que o trabalho da tradutora também modificou o texto original. A seleção e utilização de palavras e expressões não é neutra, ao contrário, mostra intencionalidades. E assim, um mesmo evento pode ser posto de maneiras diferentes e lidos de formas singulares. O “essencial é (...) compreender como os mesmos textos – em formas impressas possivelmente diferentes – podem ser diversamente apreendidos, manipulados, compreendidos”¹⁰.

Em termos teóricos, as práticas de leituras são classificadas por Chartier a partir dos “usos dos textos, isto é, dos empregos do mesmo texto (...) entre a leitura em voz alta, para si e para os outros, e a leitura em silêncio, entre a leitura de foro privado e leitura da praça pública (...) entre a leitura intensiva e leitura extensiva”¹¹. E práticas como essas são apontadas por Gertrud na publicação *Após 75 anos*:

As noites ao redor da mesa em família eu amava, a grande lâmpada pendurada sobre a mesa dava luz para todos que se reuniam em torno da mesa, enquanto papai e tio Bruno liam algo para todos, as irmãs faziam trabalhos manuais, mamãe remendava meias, e nós pequenos ainda podíamos participar um pouco disso.¹²

Interessante a identificação da leitura no núcleo familiar, praticada em voz alta por homens, sendo estes o pai ou tio, uma leitura realizada no período noturno, após as atividades do trabalho na fábrica. Era feita uma leitura “de algo para todos”, enquanto outras atividades eram realizadas pelas mulheres da casa.

Em outro aspecto, o título *Após 75 anos* permite a análise de práticas iniciais de escrita e leitura da autora; leia-se, dos processos de aprendizagem, e do contato inicial que se deu a a partir do núcleo familiar:

Até meus 10 anos eu não tinha visitado uma sala de aula, minhas irmãs também e irmão Max iam por um tempo na aula do Padre João (católico), e por 1 ou 2 anos recebiam instruções, na parte da tarde do Sr. Professor Hertel, onde irmão Kurt e eu podíamos participar como ouvintes, ou recebíamos um ditado para escrever e pequenas contas. Escrever e ler nós

¹⁰ CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). História da leitura no mundo Ocidental. Vol. II. São Paulo: Ática, 1998, p. 70.

¹¹ CHARTIER, Roger. **A história cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand. 1990. p. 131.

¹² HERING, Op. Cit. 2010.



aprendemos bem cedo, já com 4 anos nossa mãe nos ensinava. Tio Bruno despertava nosso interesse por astronomia com leituras e relatos, assim com 8 e 10 anos da nova escola alemã, bem mais adiantados, mas tínhamos que acompanhar os de nossa idade.¹³

A aprendizagem inicial de escrita e leitura, como relatou Gertrud, foi realizada em casa. Em primeiro lugar, são destacadas as ações da mãe, Minna Hering, que assumiu o ensino das primeiras letras aos filhos já aos quatro anos de idade. Interessante relacionar que as taxas de analfabetismo na Europa, no século XIX eram baixas. “Já por volta da última década do século, tinha sido alcançada de maneira quase uniforme a taxa de 90% de alfabetização, desaparecendo a discrepância entre os dados referentes a homens e mulheres”¹⁴. Minna Hering, que emigrou para o Brasil nesse período trouxe consigo o hábito de escrita e leitura, e essa prática pode ser sinalizada entre suas atividades maternas de criação e educação dos filhos.

Os níveis de alfabetização podem ser medidos por registros de assinaturas de homens e mulheres em testamentos e certidões de casamento. Há, porém, a necessidade de lembrar que nem todas as pessoas que dominavam a escrita liam com frequência, assim como, nem todas as pessoas que sabiam assinar seu nome dominavam a escrita. Como demonstra Chartier, “a assinatura identifica uma população que com certeza sabe ler, mas da qual só uma parte (impossível de numerar) sabe escrever, e que não é a totalidade dos que sabem ler, pois uma parte destes (também impossível de calcular) nunca soube assinar”¹⁵. A problemática é pertinente, porém, não cabe ao caso de Gertrud. Seus manuscritos demonstram conhecimentos de escrita e realização de leituras.

Os altos níveis de alfabetização são lembrados, no entanto, somente a partir de 1880 que países da Europa, como a França, por exemplo, passaram a ter “a educação primária gratuita e universal”¹⁶. As aulas lecionadas registravam pouca frequência de alunos, além de salas precárias e pouca remuneração aos professores. No que se refere à Blumenau, no início do século XX, período em que Gertrud assistiu a suas primeiras aulas, temos apresentadas novas constatações, a começar pela estrutura da Escola Alemã, instalada em:

¹³ HERING, Op. Cit. 2010.

¹⁴ LYONS, Op. Cit. p. 165

¹⁵ CHARTIER, Roger. **As práticas da escrita**. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges (Org.). História da vida privada Vol. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 114.

¹⁶ LYONS, Op. Cit. p. 177



um prédio antigo, de um só pavimento, com jardim fronteiro não muito bem cuidado. Servira de casa, outrora, de moradia ao Pastor Hesse e família. [...] As paredes internas de separação haviam sido afastadas e a sala ampla, assim conseguida, abrigava as primeiras classes da escola. Os alunos maiores estavam instalados no puxado da casa, muito incomodamente. Quando o numero, sempre crescente, de alunos não cabia mais neste ambiente, e tornou-se necessária a instalação de mais uma classe, aproveitou-se também a antiga cozinha desta casa.¹⁷

As instalações da escola em que Gertrud estudou eram, portanto, simples e o local não foi construído para ser de fato uma escola, mas sim, uma moradia. Mas apesar da simples apresentação, a autora afirma que “havia o comentário que nossa escola podia, sem favor, ser igualada ao nível das escolas elementares da Alemanha.”¹⁸ Gertrud comenta no artigo *Recordação da antiga Blumenau* sobre as ampliações dessa escola, pois, “após alguns anos, a casinha precária não comportava mais, de maneira alguma, o numero de alunos. Assim, decidiu-se a Sociedade Escolar a construção de um prédio maior, mais adequado à finalidade”.¹⁹ A construção dessa escola não teve a contribuição do governo municipal, resultando apenas da ação de moradores locais:

Em um terreno *doado* por meu irmão Max, foi levantada uma construção de três alas, em moldes já mais modernos, passando a ser denominada Escola Alemã. O professorado havia sido aumentado por professores e professoras que chegaram da Alemanha, após entendimentos mantidos com a entidade escolar [...]. Foi anexado um jardim de infância a este estabelecimento de ensino, o qual, pouco tempo depois, pode ser transferido a um prédio próprio [...] cuja construção fora possibilitada de *doações* generosas. (grifos meus)²⁰

O ensino alemão é notado como referencial para essa escola instalada em Blumenau. Mas com o processo de nacionalização iniciado em 1938, no lugar de professores alemães, as aulas passaram a ser lecionadas por professores brasileiros. Na sequência, a administração estadual assumiu a escola e atualmente o local chama-se Colégio Estadual Dom Pedro II.

¹⁷ GROSS-Hering. Gertrud. **Recordação da antiga Blumenau**. In: FIGUEIRA, Archibaldo. *A Hering de Blumenau: Um século 1880-1980*. Blumenau: Laborgraf. p. 158

¹⁸ *Ibidem*, p. 159.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.



No tocante a educação de Gertrud realizada no núcleo familiar, além de Minna Hering, outro personagem pode ser destacado: Bruno Hering, ou o “tio Bruno”, como é mencionado em vários registros. O integrante familiar, além de despertar o interesse dos sobrinhos “por astronomia com leituras e relatos” estendeu aos empregados da fábrica as mesmas práticas, criando uma biblioteca na malharia Gebrueder Hering. Essa ação, talvez inédita em Blumenau, já era encontrada na Alemanha, seu país de origem. “Na Alemanha, observam-se exemplos extraordinários de exitosas bibliotecas de fábrica”²¹. Acredita-se que a criação dessas bibliotecas estava vinculada a intenções específicas. Para Lyons, “empregadores e reformadores de bibliotecas esperavam que, ao oferecer uma literatura adequada e ao encorajar o hábito da leitura, estariam suavizando as tensões sociais”²². Desse ponto de vista o trabalho de Bruno Hering teve bons resultados, pois, até 1989 (ou seja, mais de cem anos depois da fundação da empresa), não se tem registros de greves entre funcionários da Cia. Hering. Mas estas são discussões para outra pesquisa, no momento nos reportaremos unicamente às práticas pessoais de Gertrud.

Destacada a atuação de Minna e Bruno Hering, os registros da publicação *Após 75 Anos* ainda demonstram as aulas realizadas pelo Padre João católico. Nas aulas lecionadas por esse na residência da família, a maior atenção, pareceu ser dada aos filhos mais velhos. Os menores como demonstra Gertrud, podiam “participar como ouvintes”, fazer pequenos cálculos e ditados. O tempo recordado por Gertrud não demonstra a existência de uma idade escolar, em que, por força de lei, as crianças, frequentam instituições escolares. No caso da família em questão, há indícios de que um dos filhos mais velhos assistiu aulas até realizar sua Confirmação, aos 15 anos de idade. Após o período de educação básica, Max Alfred Hering seguiu para a Alemanha em 1892, aos 17 anos de idade para especializar-se, assumindo no retorno, atividades na fábrica da família. Aqui, novamente, a Alemanha mostra-se uma referência para os estudos da família.

Os relatos apresentam certo grau de aproximação entre educação escolar e religião já que as crianças tiveram aulas com o mencionado padre católico João. Além disso, a Confirmação, uma celebração do credo luterano (religião praticada pela família) pode ser apontada como rompimento de educação básica. Na escola alemã mencionada, um dos

²¹ LYONS, Op. Cit. p. 188

²² Ibidem.



professores era também luterano e chamava-se Pastor Faulhaber. Conforme indicação da autora: “Nosso professor nas classes maiores era o Sr. Pastor Faulhaber, Prof. Wertzel e Prof. Krueger. Quando o Sr. Pastor tinha um sepultamento ou qualquer outro compromisso o Sr. Krueger assumia as duas turmas”²³. Assim, a presença de um professor de credo religioso na mencionada Escola Alemã (o pastor Faulhaber), indica que provavelmente a escola não era leiga. Se não por caráter oficial, pelo menos no discurso do próprio professor, que era um pastor.

A relação entre cultura escrita e a religião, em especial a religião luterana, são anteriores ao século XIX. Com a atuação de Lutero notam-se possibilidades da leitura da bíblia pela população alemã geral no século XVI. Porém, com a “*Segunda Reforma*, iniciada [...] no final do século VXII, a relação individual com a bíblia – que supõe domínio de leitura – é colocada como uma exigência universal”²⁴. Como não encontramos referências de leituras da bíblia ou de outros textos religiosos no núcleo familiar apresentado, decidimos encerrar essa discussão aqui.

Saindo desse cenário educacional, no artigo denominado *Um retrospecto*, Gertrud apresenta fatos ocorridos em Blumenau em julho de 1893. Período este de tensões advindas da proclamação da República que resultou em conflitos entre exércitos republicanos e defensores da monarquia. O evento também teve repercussão em Santa Catarina, e em seu texto, Gertrud almeja recorrer aos dados desse acontecimento, mas reconhece que existem esquecimentos entre suas lembranças, pois, “sessenta e sete anos se amontoaram sobre aquele dia. É, pois, tempo de trazer à baila lembranças que não se apagam de todo”²⁵. Em outro artigo publicado em 1950 Gertrud se manifesta de forma oposta: “E, agora, algumas recordações minhas dos meus primeiros anos de vida. Como em um caleidoscópio, passam pela minha mente os fatos e figuras daquela época; e os vejo como eram, como se o tempo não tivesse deixado nelas a sua marca implacável, ou os tivesse destruído para sempre”²⁶. A dicotomia destas últimas duas citações demonstra que são evidentes *esquecimentos* e, de forma contrária, fatos considerados *inesquecíveis* para a mesma.

²³ HERING, Op. Cit. 2010.

²⁴ CHARTIER, Op. Cit. 1990. p. 121

²⁵ GROSS, Gertrud Hering. Um retrospecto. **Blumenau em Cadernos**. Jan. 1960. T III, n. 9. p. 172.

²⁶ GROSS-Hering, Gertrud. **Recordação da antiga Blumenau**. In: FIGUEIRA, Archibaldo. A Hering de Blumenau: Um século 1880-1980. Blumenau: Laborgraf, 1980. p. 154



Afirmações desse teor comprovam que estas práticas de escrita envolvem a memória da autora. Esse apontamento permite inserir novas discussões que aproximam a história da cultura escrita à memória. Tornam-se interessantes as considerações de François Hartog, o qual esclarece que “de fato, mesmo que os historiadores tenham sempre lidado com a memória, eles quase sempre desconfiam dela”²⁷. No entanto, “a memória coletiva pode também fazer parte do ‘território’ da história contemporânea”²⁸.

Em *Regimes de Historicidade* o historiador francês mencionado, analisa, entre outros temas, a relação entre a história e a memória. Suas conclusões destacam os anos 1980 que “viram o desabrochar de uma grande onda: a da memória”²⁹. Nesse ponto, é fundamental mencionar a obra de Pierre Nora: *Lieux de mémoire*, publicada em 1984. Para Hartog, a publicação *Lieux de mémoire* “nos serviram de entrada para os debates entre história e memória, assim como de projetor para lançar luz sobre as relações entre a história nacional e o regime moderno de historicidade”³⁰. Ambos os autores (François Hartog e Pierre Nora) aproximam história nacional e memória, pois, na década de 1980 comemorava-se o bicentenário da Revolução Francesa. Esse evento, longe de propor comemorações apenas na França, espalhou pelo mundo a mencionada onda de memória, inclusive na historiografia.

Considera-se fundamental, portanto, reconhecer “o *entre*”. Trata-se de “posicionar-se *entre* história e memória, não opô-las, nem confundi-las, mas servir-se de uma e de outra. Apelar à memória para renovar e ampliar o campo da história contemporânea”³¹. Assim, faremos na análise do próximo artigo de Gertrud analisado: *O padre José Maria Jacobs*³². Nesse texto, em que são apontados comentários sobre o referido padre, novamente pode-se refletir sobre as práticas de escrita e usos de memória por Gertrud Gross Hering.

O texto faz referência à enchente que aconteceu em Blumenau no ano de 1880. Nesse ano, a escritora, contava com pouco mais de um ano de idade e assim como outros integrantes de sua família havia desembarcado fazia poucas semanas em Blumenau. Esse fator indica que

²⁷ FRANÇOIS, Hartog. **Regimes de historicidade**: Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autentica, 2013.p. 158

²⁸ Ibidem, p. 160

²⁹ Ibidem, p. 24

³⁰ Ibidem, p. 185

³¹ Ibidem, 161

³² GROSS, Gertrud Hering. O padre José Maria Jacobs. **Blumenau em Cadernos**. Out. 1960. T. III, n.10, p. 189-191. Foi o primeiro vigário da Igreja São Paulo Apostolo de Blumenau, criador do colégio São Paulo, atual Santo Antônio.



o artigo deve ser analisado considerando-se que não se tratam apenas de memórias suas, mas sim, de memórias que lhes foram repassadas e estas foram transcritas apenas em 1960. Entre seus comentários verifica-se que: “enquanto as águas continuavam subindo sempre, mamãe, com as crianças (eu era levada ao colo) foi rua acima, ainda não tomada pelas águas, a procura de um asilo mais seguro”³³. O Padre Jacobs é relacionado ao evento porque prestou abrigo na Igreja São Paulo Apostolo às famílias atingidas pelas cheias naquele ano.

Gertrud afirma que, “como um pai, o padre Jacobs cuidava de todos. Ele mandou cozinhar um panelão (*sic*) de feijão preto e assar pão de milho. Ninguém precisou passar fome e suas palavras de confiança contribuíram para levantar o animo de todos.”³⁴ A autora esforçar-se para descrever sentimentos vivenciados pelos presentes. Mas não relatou apenas momentos de dificuldades, pois:

Apesar de tudo, não faltou o lado cômico. Assim, numa noite em que eu, deitada num banco sob o qual o dentista Hertel se acomodara, de tanto rolar-me, caí-lhe sobre a cabeça e ele assustado gritou: - Céus, agora é que as gotas engrossaram! Tais momentos de humor concorreram para desanuviar o ambiente³⁵

O artigo *O padre José Maria Jacobs* chega ao fim sem Gertrud revelar suas fontes, sejam elas escritas ou orais. Certamente, se suas fontes fossem outras, as impressões apresentadas sobre o evento não seriam as mesmas. Porém, se relacionarmos sua produção apenas à existência de possíveis fontes históricas estaríamos diminuindo sua capacidade de criação. Algo semelhante pode ser pensado na própria prática historiográfica, pois, conforme afirma Reinhart Koselleck, “o conhecimento histórico é sempre mais do que aquilo que se encontra entre as fontes. Uma fonte pode existir previamente ao início da investigação ou ser descoberta por ela. Mas ela também pode não existir mais”.³⁶

Koselleck analisa mudanças decorrentes na historiografia a partir dos acontecimentos da Revolução Francesa e classifica a disciplina naquilo que chama de “história em si e por si mesma”. Ou seja, a história que tem como objeto de estudo a própria história, suas abordagens e teorias em uso. Neste ponto, abordagens, por exemplo, “sob um ponto de vista

³³ Ibidem, p. 189.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem.

³⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p.186



teológico ou econômico não é uma tarefa relacionada à pesquisa de fontes, mas sim uma questão de premissas teóricas. Só a partir do estabelecimento dessas premissas é que as fontes começam a falar”³⁷.

Os textos de Gertrud, analisados até momento, são também pensados a partir de premissas teóricas localizadas na historiografia. Foram contempladas em nossas discussões – assumimos, de forma apressada – abordagens da história cultural francesa, representadas, em especial a partir de escritos de Roger Chartier. Estudar antigas práticas culturais para esse historiador, “não significa que a história se repita, e sim destacar que esta pode buscar conhecimentos e ajudar a compreensão crítica das inovações do presente, as quais, por sua vez, nos seduzem e nos inquietam”³⁸.

A história cultural francesa é também difusora de outras noções, como a noção de representação, ou seu plural, representações. O estudo das representações cabe nas discussões desse artigo e pode guiar análises de uma fotografia de Gertrud Gross Hering, reproduzida entre os anos de 1950 e 1960:



Fig. 01 - Quadro com fotografia de Gertrud Gross Hering
Acervo de quadros Cia. Hering.

³⁷ Ibidem, p. 187

³⁸ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura no tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 09.



Mas, antes de qualquer consideração, é preciso lembrar que o documento fotográfico tem o mesmo valor de qualquer outro documento. E como tal, sua análise envolve necessária problematização. A imagem fotográfica trata-se antes de tudo de uma construção, uma cena montada e registrada pelo fotógrafo. Conforme Boris Kossoy, o fotógrafo pode atuar “dramatizando ou valorizando a aparência dos seus retratados (...), omitindo ou introduzindo detalhes, elaborando a composição ou incursionando na própria linguagem do meio.”³⁹ Entre algumas definições, o fato é que, “o fotógrafo sempre manipula seus temas de alguma forma: técnica, estética ou ideologicamente”⁴⁰. Poderemos unir a essa análise, definições da noção de representações, que são – de forma brevemente explicada – maneiras como os grupos e os indivíduos organizam e, em certa medida, constroem suas visões do mundo social. Diz respeito às formas como estes mesmos grupos se auto representam e constroem representações de outros. Nas palavras de Chartier, as representações permitem articular “as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantém com o mundo social (...), as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada”⁴¹. Na imagem em questão, o livro escolhido apresenta a representação de Gertrud como escritora, romancista e poetisa que foi. A produção de Gertrud representa grupos de novos leitores (e escritores) emergentes no século XIX: as mulheres e as crianças.⁴² Na imagem, a idade avançada da escritora representa experiência e maturidade. A cena remonta suas práticas de leitura, individual e realizada em uma sala: a autora está sentada em uma poltrona, fazendo uso de uma lupa sob um livro com grande volume de páginas. Outros livros espalhados completam a cena, o que propõe indícios de leituras constantes, ou em termos definidos por Chartier, a leitura “extensiva”.⁴³

O documento torna-se mais interessante, pois, é uma das únicas fotografias existentes no acervo da família, em que Gertrud foi fotografada sozinha. A imagem, portanto, representa

³⁹ KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática. 1989.

⁴⁰ Ibidem, p. 73.

⁴¹ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da Universidade. 2002. p. 169.

⁴² LYONS. Op. cit.

⁴³ CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado de Letras; ABL, 2003. p. 36.



a preferência pela leitura realizada na intimidade privada, apontada em alguns dos escritos da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisou-se nesse artigo publicações de Gertrud Gross Hering, autora nascida na Alemanha e naturalizada brasileira no final do século XIX. As análises realizadas em algumas de suas publicações, não se deram em torno de revisões bibliográficas ou mesmo biográficas. Ao contrário, em títulos selecionados, buscou-se apontar práticas específicas de escrita e leitura. A partir dos títulos publicados: *Após 75 anos*, *O padre José Maria Jacobs*, *Um retrospecto* e por fim, *Recordação da antiga Blumenau*, identificou-se elementos da cultura escrita presentes na Blumenau do final século XIX até meados do século XX.

Recorreu-se a eventos e situações apontados pela autora nesses textos como: os lugares onde escreveu, seja em sua antiga residência na rua XV de Novembro ou na segunda moradia, no Bairro Bom Retiro (Blumenau – SC). Considerou-se da mesma forma, condições adversas, sua iniciação escolar na mencionada Escola Alemã, leituras prescritas no núcleo familiar e etc. Estas análises nos permitiram tecer considerações sobre essas práticas de escrita e leitura, embora essas reflexões não encerram o tema. Existem ainda outras obras de Gertrud, em língua alemã, que após trabalho de tradução poderão dar início a novas pesquisas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da Universidade. 2002.

_____. **A história cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand. 1990.



_____. **A história ou a leitura no tempo.** Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

_____. **As práticas da escrita.** In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges (Org.). História da vida privada Vol. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Formas e sentido.** Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado de Letras; ABL, 2003.

FRANÇOIS, Hartog. **Regimes de historicidade:** Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ática. 1989.

LYONS, Martin. **Novos leitores do século XIX:** Mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). História da leitura no mundo Ocidental. Vol. II. São Paulo: Ática, 1998.

FONTES

GROSS, Gertrud Hering. O padre José Maria Jacobs. **Blumenau em Cadernos.** Out. 1960. T. III, n.10, p. 189-191.

_____. Um retrospecto. **Blumenau em Cadernos.** Jan. 1960. T III, n. 9. p. 172-4.4.



_____. **Recordação da antiga Blumenau.** In: FIGUEIRA, Archibaldo. A Hering de Blumenau: Um século 1880-1980. Blumenau: Laborgraf, 1980.

_____. **Após 75 anos.** Tradução Pastora Marion Freitag. 2010.

HERING, Minna. Correspondência expedida, 1883. Acervo documental Cia. Hering.

Recebido em 30 de agosto de 2013

Aceito para publicação em 16 de julho de 2014

